IdeAs
Idées d'Amérique

4 | 2013
Crises et effets de crise dans les Amériques

A dinâmica regional além dos mitos

Bernardo Sorj

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/ideas/652>

DOI: 10.4000/ideas.652

ISSN: 1950-5701

Editora

Institut des Amériques

Referência eletrónica

Bernardo Sorj, «A dinâmica regional além dos mitos», *IdeAs* [Online], 4 | 2013, posto online no dia 19 setembro 2013, consultado o 20 outubro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/ideas/652> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/ideas.652>

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 outubro 2022.

Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC-ND 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A dinâmica regional além dos mitos

Bernardo Sorj

NOTA DO EDITOR

Cet article est traduit du français par Martine Avril

- 1 Vivemos num novo contexto histórico no qual a relação entre os países da América Latina, de um lado, e entre eles e os Estados Unidos, de outro, passa por profundas mudanças. As velhas simplificações perderam seu poder analítico - apesar do anacronismo ideológico que sobrevive em certas ideologias políticas e até mesmo nos meios acadêmicos -. Para entender esta nova situação, não se pode substituir os antigos esquemas por novas generalizações sobre a América Latina, que continuam considerando-a como um conjunto homogêneo com um projeto comum : a integração regional. Certamente a integração regional é considerada pelos governos da região como um discurso vencedor do ponto de vista mediático, mas está longe de refletir as realidades efetivas dos processos vividos pela região.

A dinâmica regional : algumas realidades

- 2 A dinâmica regional se apresenta como um conjunto complexo e contraditório de tendências novas, que são produto de tensões na região.
- 3 Quais são essas tendências ?
 - A busca, em cada país, por estratégias econômicas nacionais próprias de integração na economia global.
 - A diversificação das relações econômicas internacionais, que coloca Ásia e em especial a China num lugar cada vez mais importante, tanto nos fluxos comerciais com nos investimentos da região.
 - A diferenciação entre México e boa parte da América Central e a América do Sul. Os primeiros extremamente associados aos Estados Unidos e os demais com um comércio

internacional onde os Estados Unidos e a Europa ocupam um lugar decrescente, ainda que importante.

- A formação de um agrupamento de países que gravitam em torno do Chavismo, ou, mais amplamente, de um nacionalismo-estatizante, e um grupo de países da área do Pacífico (Chile, Peru, Colômbia e o México), mais liberal e aberto ao comércio exterior. Entre eles o Mercosul aparece como um modelo em crise, onde o Brasil mantém particularidades que não o identificam com nenhum dos dois grandes agrupamentos.
- lugar central para a economia dos países da região ocupado pelos recursos naturais (petróleo, minerais, agricultura), com as consequências políticas sobre as quais voltaremos.

Novos dados para a integração regional

- 4 É preciso considerar as novas estratégias internacionais dos governos latino-americanos sem reduzi-la a retórica sobre integração regional. Igualmente os processos efetivos de integração regional não devem ser reduzidos às consequências da integração econômica institucionalizada. Os processos de integração são produto de uma variedade de fenômenos tais como comércio, internacionalização das grandes empresas, fluxos fronteiriços e interdependência de recursos energéticos e das infra-estruturas. Essas dinâmicas, embora sejam importantes para o aprofundamento de um espaço econômico regional, não são necessariamente um produto de políticas públicas.
- 5 Existem, na verdade, dois processos que enfraquecem o desenvolvimento das políticas de integração na região : um de ordem econômico e o outro de cunho político. Em algumas dinâmicas nacionais a prioridade dada às vantagens econômicas através da assinatura de acordos bilaterais com outros países de fora da região enfraqueceram as instituições de integração. É o caso dos acordos com os Estados Unidos e a China e, mais recentemente, com a União Europeia que fragilizaram o Mercado Comum Andino. Por outro lado, a prioridade política dada à formação de blocos ideológicos (é o caso da ALBA, conduzida pela Venezuela) e ao protecionismo interno produziram processos que fragilizaram a dinâmica de integração regional efetiva. Por razões diferentes ambas dinâmicas são contrárias ao desenvolvimento de políticas de integração regional.

O novo panorama das relações internacionais da região

- 6 A América Latina deve evoluir num mundo onde os Estados Unidos perderam uma parcela de seu poder relativo na economia e geopolítica mundial, um mundo onde países dotados de recursos naturais estratégicos têm a capacidade potencial de sustentação econômica e de confrontação com os países desenvolvidos. Um mundo onde a China, em particular, aparece como a grande potência econômica do futuro com uma disposição voraz para garantir recursos naturais e onde o Irã se apresenta como um exemplo de polo ideológico alternativo aos Estados Unidos, em particular no mundo islâmico, mas com reverberações globais. Isto sem se esquecer da Rússia que, embora tenha perdido seu capital ideológico e uma parte de seu poderio militar, continua a ser, no mundo do armamento, um agente que não se submete à lógica « ocidental ».
- 7 Em resumo, estamos num mundo que perdeu a clareza da bipolaridade capitalismo / comunismo. Este novo mundo permite criar alianças com geometria

variável, pode-se conseguir apoios no setor militar (em particular a Rússia), no setor econômico (especialmente a China), agentes estatais e mesmo não estatais (exércitos paralelos, redes terroristas). Permite alianças mais elásticas e flexíveis, alianças em que os Estados Unidos perderam uma parte de sua capacidade de confrontar ou neutralizar como no período da guerra fria.

- 8 Esta nova configuração internacional possibilitou o surgimento de projetos políticos nacionalistas-estatizantes e regimes que poderíamos qualificar como « autoritários eleitorais », em particular em países onde a principal fonte de receita fiscal é constituída por recursos naturais. Nesses países, como no caso da Venezuela de Hugo Chavez, a possibilidade de contar, por exemplo, com investimento internacional da China e o apoio militar russo constitui uma plataforma a partir da qual certos governos tentam desenvolver um modelo alternativo à economia de mercado e ao capitalismo liberal.
- 9 Este tipo de projeto está associado, em cada contexto local, a diferentes tipos de elites – os militares na Venezuela, indígenas na Bolívia ou os ex-militantes revolucionários na Nicarágua – apoiados por amplos setores populares e setores de classe média ideologicamente radicais.
- 10 O novo contexto internacional também alterou o horizonte geopolítico de alguns países, como o Brasil, que, *grosso modo*, permanecem alinhados com a democracia liberal e a economia de mercado. A fragilidade relativa dos Estados Unidos levou o Departamento de Estado americano a buscar aliados locais na América Latina, em particular o Brasil, com o objetivo de manter a ordem regional. Este apoio obriga os Estados Unidos a flexibilizar sua posição, a ouvir e, até um determinado ponto, negociar os termos da agenda para a região. Para o Brasil isto gera novas oportunidades de projeção internacional e contribui para ampliar seu campo de manobra externa, nas plataformas internacionais antigas e novas, tal com os BRICS .
- 11 A estes elementos, é preciso agregar novos fatores que são fonte de tensões e que tornam mais complexas as relações entre os países da região. Estamos nos referindo ao investimento inter-regional cruzado (em particular o investimento chileno no Peru e o dos brasileiros nos países vizinhos), à dependência dos recursos energéticos entre países vizinhos, o crime e os movimentos de populações entre as fronteiras, incluído à colonização agrícola nas regiões fronteiriças vizinhas.

Rumo a uma fragmentação regional ?

- 12 Todos esses elementos introduziram novas tensões entre os países. Anteriormente, a nacionalização de uma empresa era vivida como sendo parte da confrontação com o imperialismo. Hoje em dia, são as empresas da região (como a Petrobras na Bolívia), que podem ser nacionalizadas por um governo vizinho.
- 13 Este novo quadro regional, unido a um contexto internacional incerto, capaz de comprometer o impulso econômico dos países da região, exige um acompanhamento cuidadoso. A América Latina se revela, no século XX, a região do mundo que apresenta o menor número de guerras e de vítimas de conflitos internacionais. Garantir que esta situação, fundamental para a consolidação da democracia na América Latina, possa se prolongar no futuro exige uma análise, um acompanhamento constante, e uma

avaliação realista das formas de inserção econômica e política da região no sistema internacional.

AUTOR

BERNARDO SORJ

Bernardo Sorj nasceu em Montevideú, Uruguai, e mora desde 1976 no Brasil, onde se naturalizou brasileiro. Estudou antropologia e filosofia no Uruguai, cursou o B.A. e M.A. em História e Sociologia na Universidade de Haifa, Israel, e obteve o título de Ph.D. em Sociologia na Universidade de Manchester, Inglaterra. Foi professor de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, do Instituto de Relações Internacionais da PUC/RJ e é professor titular de Sociologia aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (www.bernardosorj.com).